

LYDIA CACCHO



ESCRAVAS DO PODER

PREFÁCIO DE **ROBERTO SAVIANO**
TRADUÇÃO DE JOANA CASPURRO E JOSÉ PINTO DE SÁ

ELSINORE

Uma viagem ao coração do tráfico sexual
das mulheres e crianças à volta do mundo

ELSINORE



YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente
entre nós e as palavras há hélices que andam
e podem dar-nos morte violar-nos tirar
do mais fundo de nós o mais útil segredo
entre nós e as palavras há perfis ardentes
espaços cheios de gente de costas
altas flores venenosas portas por abrir
e escadas e ponteiros e crianças sentadas
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos
há palavras de vida há palavras de morte
há palavras imensas, que esperam por nós
e outras, frágeis, que deixaram de esperar
há palavras acesas como barcos
e há palavras homens, palavras que guardam
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsinore

E há palavras noturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
e os braços dos amantes escrevem muito alto
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só solução
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

MÁRIO CESARINY

*Para os meus irmãos Óscar, José e Alfredo,
que mostraram que a masculinidade pode ser afetuosa,
igualitária e não violenta.*

Para o Jorge, pelo amor incondicional.

ÍNDICE

11

Prefácio

Roberto Saviano

—

15

Introdução

—

23

1. Turquia: o Triângulo Dourado

—

47

2. Israel e Palestina:

o que se esconde por trás da guerra

—

67

3. Japão: a máfia das gueixas

—

77

4. Camboja: o esconderijo da Europa

—

111

5. Birmânia: guerra às mulheres

—

127

6. Argentina-México: armas, drogas e mulheres

—

163

7. Clientes: um segredo no masculino

—

179

8. O exército e a prostituição

—

199

9. Branqueamento de dinheiro

—

217

10. O ofício de proxeneta

—

239

11. As máfias e a globalização

—

257

12. A dança dos números, o pânico moral
e o que está em debate

—

273

13. Conclusões

—

295

14. Glossário: de que falamos e como o dizemos

—

303

Anexo

—

311

Agradecimentos

—

PREFÁCIO

O PODER DA ÉTICA

Lydia Cacho é um modelo para todos os que querem ser jornalistas. É uma mulher de grande coragem que resistiu à prisão e à tortura para defender uma minoria que ninguém ouvia, chamar a atenção para as injustiças a que as mulheres e crianças são sujeitas no México e nas regiões mais pobres do planeta. Revelou informações até agora desconhecidas e expôs-se ela própria a enormes perigos ao denunciar empresários e políticos de renome.

Também eu dirigi acusações ao crime organizado. Abri janelas que revelaram a colaboração entre o crime organizado e a política, mas não ataquei abertamente o governo do meu país. Sou ameaçado pela Camorra, mas defendido pelo Estado italiano.

Lydia Cacho foi injustamente obrigada a viver durante algum tempo na prisão, foi ameaçada e torturada como forma de a atemorizarem, e ainda assim descobriu-se mais tarde que todas as suas acusações eram fundadas. A importância das suas provas tem validade universal. Onde os governos são fracos, onde as sociedades aceitam a criminalidade, as mulheres e as crianças são as primeiras vítimas. O tráfico e a exploração de seres humanos é o mais primitivo dos crimes, que, em contraste com o tráfico de armas e drogas, tem margens de lucro incomensuráveis mas riscos limitados.

—
Roberto Saviano

A verdade é simples:

se não houvesse procura, a prostituição não existiria.

A prostituição não é uma questão da sexualidade feminina, é uma criação masculina. Se os homens em todo o mundo não procurassem sexo pago, não haveria necessidade de encurralar, fragilizar e submeter milhões de mulheres e raparigas a esta existência desumanizante.

VICTOR MALAREK,

autor de *The Johns: Sex for Sale and the Men Who Buy It*

A violência não é boa porque dói e faz-me chorar.

YEANA, sobrevivente do tráfico, 10 anos

INTRODUÇÃO

Quando tinha sete anos, sempre que eu e a minha irmã Sonia saíamos à rua, a nossa mãe avisava-nos para evitarmos a *robachicos*, uma velha conhecida na vizinhança por sequestrar crianças; atraía-as oferecendo-lhes rebuçados e depois vendia-as a estranhos. O termo equivalente em inglês, «*kidnapper*» (raptor de crianças), é hoje empregado para referir o sequestro de pessoas de qualquer idade. Quarenta anos passados sobre estas lições infantis, descobri que o que na minha infância podia ser tirado de uma história de Charles Dickens se convertera agora num dos problemas sociais mais sérios do século XXI. A sociedade em geral tende a considerar o tráfico de meninas e mulheres como uma reminiscência de outro tempo, de um passado em que o «tráfico de brancas» era um pequeno negócio de piratas que sequestravam mulheres para as vender em prostíbulos de países longínquos. Julgávamos que a modernização e as forças do mercado global haveriam de erradicá-lo, e que o abuso infantil nos obscuros meandros do «mundo subdesenvolvido» se dissiparia pelo simples contacto com as leis ocidentais e a economia de mercado. A investigação que sustenta este livro demonstra justamente o contrário. O mundo é testemunha de uma explosão das redes que roubam, compram e escravizam meninas e mulheres; as mesmas forças que teoricamente deveriam erradicar a escravatura acabaram por potenciá-la a uma escala sem precedentes. Estamos perante o desenvolvimento de uma cultura de normalização do roubo, sequestro, comércio e corrupção de meninas e adolescentes em todo o planeta, com a finalidade de convertê-las em objetos sexuais de aluguer e venda.

Uma cultura que, além disso, promove a coisificação humana como se isso fosse um ato de liberdade e progresso. Escravizadas face a uma economia de mercado desumanizante que nos foi imposta como «destino manifesto», milhões de pessoas assumem a prostituição como um mal menor e optam por ignorar o facto de ela assentar na exploração, nos maus-tratos e no enorme poder do crime organizado em menor ou maior escala no mundo inteiro.

Mafiosos, políticos, militares, empresários, industriais, líderes religiosos, banqueiros, polícias, juizes, assassinos a soldo e homens comuns formam uma enorme cadeia no mapa internacional do crime organizado, já com séculos de existência. A diferença entre os delinquentes solitários, ou pequenos grupos de gangues locais, e as redes criminosas globalizadas radica nas estratégias, nos códigos e nas práticas de *marketing*. Não há dúvida de que é na corrupção que as máfias se baseiam para gerar poder económico e político em todas as cidades onde fazem negócio. O laço vital que une os elementos desta cadeia é a procura do prazer e o enriquecimento e poder que este proporciona. Enquanto uns criam o mercado da escravatura humana, outros protegem-no, promovem-no, alimentam-no; e outros ainda renovam a procura da matéria-prima.

O crime organizado é um negócio ilegal com fins económicos, e os que nele participam são designados gângsteres, máfias, redes ou cartéis. Estas personagens inscrevem-se na chamada *shadow economy* («economia sombra»), a que não paga impostos diretos aos governos legítimos, mas que precisa de negociar com eles para se sustentar. Os delitos mais evidentes do pacto entre o Estado e os delinquentes organizados são a compra e venda de armas, drogas e pessoas. As atividades que caracterizam estes infratores estão perfeitamente definidas pelos especialistas em segurança: roubo, fraude e transporte ilegal de bens e pessoas.

O século XXI tem sido testemunha da recriação e profissionalização dos grupos do crime organizado. Seguindo as regras

capitalistas do mercado de comércio livre, as máfias criaram rotas de comunicação nunca antes vistas para traficar bens e serviços entre países e continentes. Gerar violência e vender proteção é o seu negócio; adquirir e oferecer dinheiro, prazer e poder, a sua meta fundamental.

O tráfico de pessoas¹ — documentado em 175 nações — demonstra as debilidades do capitalismo global e a disparidade provocada pelas regras económicas dos países mais poderosos; mas, sobretudo, revela a normalização da crueldade humana e os processos culturais que a fortaleceram. Todos os anos, 1,39 milhões de pessoas no mundo inteiro, na sua grande maioria mulheres e meninas, são submetidas à escravatura sexual. São compradas, vendidas e revendidas como matéria-prima de uma indústria, como resíduos sociais, troféus e brindes.

Durante cinco anos, a minha tarefa foi rastrear as operações das pequenas e grandes máfias internacionais através dos testemunhos de sobreviventes da exploração sexual comercial. Pelo caminho, encontrei homens, mulheres e crianças vítimas do tráfico laboral e do casamento forçado; no entanto, a minha investigação focou-se concretamente num fenómeno criminoso nascido no século xx: o tráfico sexual de mulheres e meninas. A sofisticação da indústria sexual ao nível mundial criou um mercado que em breve superará o número de escravos vendidos na época da escravatura africana, que se estendeu desde o século xvi até ao século xix.

Não existe uma única história de máfias em que o sexo não esteja presente. Mulheres e meninas são compradas, vendidas e oferecidas, ou sequestradas, alugadas, emprestadas, violadas, torturadas e assassinadas. O conceito de mulher como objeto de prazer está sempre presente na biografia dos agrupamentos criminosos

¹ Para a definição do termo «tráfico», ver no final do livro o capítulo «Glossário: de que falamos e como o dizemos».

japoneses chamados *yakuzas*, nas tríades chinesas, nas máfias italianas, russas e albanesas, assim como nos cartéis da droga latino-americanos. O poder económico e político precisa do prazer sexual para existir. De acordo com os códigos machistas, as mulheres são valorizadas como objetos e não como pessoas, e até mesmo aquelas que participam em organizações criminosas reproduzem os padrões de desprezo e misoginia.

Eros e Tântatos estão perpetuamente presentes na psicologia criminosa. O poder de assassinar, torturar e decapitar os adversários necessita sempre de um equilíbrio gerador de uma certa estabilidade. Por isso, os grandes líderes das máfias compram, vendem, maltratam ou assassinam mulheres de todas as idades. Do mesmo modo, promovem diversas formas de prostituição e criam os cenários adequados para que o comércio sexual tenha lugar.

O acesso ao prazer sexual funciona como uma grande ferramenta de coesão e negociação entre grupos masculinos empresariais e militares, a tal ponto que o comércio sexual é, entre a venda de armamento e o comércio de drogas, o negócio mais rentável do mundo. Mulheres adultas, meninas, adolescentes... a idade não importa enquanto puderem ser controladas, utilizadas e subjugadas pelos seus proprietários.

Este livro explora a mentalidade masculina relativamente às mulheres e à sexualidade: na voz dos próprios atores, conheceremos um fenómeno considerado como um «bumerangue do feminismo», que impulsiona muitos homens a procurarem mulheres cada vez mais jovens e de outros países onde a cultura da submissão feminina continua vigente. Também se dá voz a diversas mulheres que exercem a prostituição de rua, assim como às que se autodenominam «prostitutas livres» e que formam coletivos defensores da prostituição como mais um trabalho num mundo capitalista e explorador. Sem elas, não conseguiríamos compreender as complexidades do debate global sobre a escravatura sexual e a prostituição.

Viajar à volta do mundo e inquirir sobre as máfias de traficantes de seres humanos mudou radicalmente a minha perspetiva sobre a intercomunicação entre os grupos criminosos. A impunidade com que levam a cabo os seus negócios torna-se alarmante e suspeita, sobretudo neste momento histórico em que os países mais poderosos situaram a luta contra o tráfico de pessoas entre os temas principais das agendas de segurança nacional e internacional. Por que motivo existem tantas contradições nas políticas migratórias e nos tratados de comércio livre? Como se feminizaram os fluxos migratórios? Quantos países dão aval legal à exploração laboral em prol do esforço para melhorar a economia? Porque prevalece opaco o processo de autorizações de detenção temporária de emigrantes de países pobres em países ricos? Como operam as *maquiladoras*² e qual é o mecanismo que empresários e governos usam para escolher os territórios de exploração laboral?

O confronto emocional com o facto de eu ser uma mulher jornalista tornou mais complexa esta investigação. O desafio foi imenso. Apesar de falar quatro línguas, tive de depositar toda a confiança nos meus tradutores e em correspondentes nativos que conheciam os meandros das cidades e as regras das máfias locais. Vários repórteres de diários internacionais, todos homens, recomendaram-me motoristas, informadores e guias. Nenhum dos meus colegas seguiu ao pormenor a pista dos traficantes de mulheres, ainda que alguns tivessem feito a cobertura do tema como parte de outras malhas da corrupção ou do crime organizado. Sem despertar suspeitas, muitos conseguiram entrar nos bordéis e bares de *karaoke* onde se realiza o tráfico de jovens numa vintena de países. São homens, e esse é o seu passaporte para a cena do crime.

² Termo essencialmente mexicano que designa empresas de montagem e acabamento de produtos para exportação, instaladas geralmente junto de zonas fronteiriças. [N. do R.]

No Camboja, na Tailândia, na Birmânia e na Ásia Central, vi-me obrigada a empregar diferentes estratégias para evitar o perigo. Enfrentei enormes frustrações, como quando tive de sair a correr de um casino cambojano operado por uma tríade chinesa, onde se efetuava a compra e venda de meninas menores de 10 anos.

Não faltaram obstáculos. Em todos os locais turísticos do mundo, há taxistas, guardas ou motoristas que alugam serviços, promovem a prostituição, fazendo assim parte da rede de traficantes, pelo que se torna difícil garantir que não nos atraioçarão. É alta a probabilidade de que quem nos leva pelas ruas do Sri Lanka, de Miami ou de Cuba informe as redes criminosas locais de que uma repórter anda a fazer perguntas sobre este ou aquele serviço, ou quer ir a certos bairros onde vivem os proxenetas e as vítimas do tráfico.

O medo omnipresente era eminentemente feminino; fez-me ser mais cautelosa, mas também me levou a melhorar a busca de fontes diretas e a realizar um trabalho mais zeloso. Por outro lado, ensinou-me a ser empática com as vítimas que ousaram revelar as suas histórias e recordou-me que ser mulher é perigoso em qualquer sociedade patriarcal.

Entrevistei várias sobreviventes e especialistas, mas também tinha de me aproximar dos que estavam dentro das redes e sair delas viva para contá-lo. A fim de alcançar este objetivo, pus em prática os ensinamentos de Günter Wallraff, professor alemão de jornalismo e autor do livro *Ganz unten*. Conheci-o quando visitou o meu país e tive a oportunidade de partilhar experiências. Seguindo os seus métodos de trabalho, durante a minha viagem do México até à Ásia Central, disfarcei-me e assumi personalidades falsas. Graças a isso, consegui sentar-me a tomar um café com uma traficante filipina no Camboja; dancei num clube noturno ao lado de bailarinas cubanas, brasileiras e colombianas no México; entrei num prostíbulo de jovens em Tóquio onde toda a gente parecia saída de um manga; e caminhei vestida de freira por La Merced, um dos bairros mais perigosos do México, controlado por poderosos traficantes.

Embora todas as formas de tráfico de pessoas respondam à busca de poder económico, o tráfico sexual fomenta, recria e fortalece uma cultura de normalização da escravatura como resposta aceitável à pobreza e à falta de acesso à educação de milhões de mulheres e crianças. O poder da indústria internacional do sexo baseia-se na mercantilização do corpo humano como um bem a ser explorado, comprado e vendido sem consentimento da sua proprietária. Steve Harper, um dos mais conhecidos especialistas de *marketing* e impulsionadores da indústria do sexo, declarou numa entrevista realizada na Feira Mundial do Sexo de 2009: «Estão enganados, não estamos aqui pelas pessoas mas para fazer dinheiro.» «*Make no mistake. This is all about money, not people*» é o *slogan* que Harper utiliza nas formações para empresários do sexo. Os milhões que estes investidores gastam anualmente em *lobbying* político a favor da normalização da escravatura poderiam salvar da fome um país inteiro.

Antes de empreender esta viagem, um general retirado do exército mexicano disse-me que um carregamento ilegal de metralhadoras AK-47 só precisa de uma embalagem adequada, um comprador, um intermediário corrupto do Estado e um vendedor. Uma escrava humana, em contrapartida, precisa de ser convencida de que a sua vida apenas tem valor para o seu comprador e o seu vendedor. O poder dos traficantes sustenta-se eliminando qualquer possibilidade de dar às vítimas opções de vida dignas e livres. A pobreza é não só um campo fértil, como o motor para a sementeira de escravas e escravos no mundo. A cumplicidade dos governos é inegável.

Neste livro, surgem todas as personagens da tragédia: as vozes dos traficantes, das vítimas convertidas em carrascos e das que trataram corpo e mente e conseguiram transformar as suas vidas; e as vozes dos intermediários e dos clientes, das madames, dos militares e dos funcionários públicos, honestos e corruptos, de todos os níveis e países. Mães que se disponibilizaram para me venderem as suas filhas e mães de jovens sequestradas por traficantes, que as

procuram desesperadamente. E também entrevistaram personagens que participam em redes locais de turismo sexual. As suas vozes, as suas ameaças e as suas esperanças ficam aqui registadas.

É evidente que não poderíamos entender este negócio criminoso sem seguir a pista do dinheiro. Como branqueiam o dinheiro e onde? Os bancos e o investimento bolsista são atores relevantes. Para compreender o fenómeno, afigurou-se-me imprescindível fazer uma análise da posição de vários países relativamente ao tráfico de seres humanos e à prostituição, examinar os ganhos que a legalização ou a regulação representam para os governos, e o valor cultural que homens e mulheres desses países atribuem ao comércio sexual de mulheres. Foi assim que me encontrei face a nações profundamente religiosas, como a Turquia, onde a prostituição não só está legalizada, como o próprio governo controla os bordéis. Pelo contrário, a Suécia penalizou o consumo de sexo comercial e protegeu legalmente as mulheres vítimas de escravatura sexual comercial.

Por último, este trabalho não estaria completo sem os milhares de pessoas que dedicam a vida a resgatar e a tratar as vítimas de tráfico, da China ao Brasil, da Índia a Los Angeles, da Guatemala ao Canadá e ao Japão.

Este é, pois, um mapa da escravatura contemporânea, uma investigação que responde às perguntas essenciais do jornalismo: quem, como, quando, onde e porquê, em pleno século XXI, se vendem cada vez mais seres humanos, mais armas e drogas. A resposta para conter este crime encontra-se nas mãos dos cidadãos do mundo. Espero que cada ser humano possa traçar a sua própria rota rumo à liberdade e à esperança para lá do pânico moral que este tema tem gerado nos últimos anos.

TURQUIA: O TRIÂNGULO DOURADO

Confiro o passaporte, o bilhete e o visto turco. Estou pronta para embarcar a caminho da Ásia Central pela segunda vez. Observo o mapa e vêm-me à memória as recordações da viagem anterior.

Há alguns anos, fui à Finlândia e, daí, desci até São Petersburgo, Moscovo e Kiev. Depois voei para Tbilisi, na Geórgia, onde aprendi a respeitar a jornalista Anna Politkóvskaya, que me fez entender as complexidades da região. Percorri as terras do Azerbaijão e da Arménia. Visitei Tashkent e Samarcanda, outrora uma das mais belas cidades do Império Persa. Do Usbequistão, desloquei-me até à fronteira de Asgabat, no Turquemenistão. Nessa ocasião, viajei em outubro e sofri o inverno como sofrem as mulheres tropicais, incapacitadas para suportar estoicamente temperaturas inferiores a 10 graus negativos.

Desta vez, é fevereiro, pelo que o frio não será tão cruel. Regresso ao mapa e traço a minha rota, seguindo os passos dos traficantes de escravas. Voarei de Londres para a Turquia e visitarei Ancara e Istambul, as principais cidades desse belo país.

Sou invadida por uma mescla de emoções. Quantas vezes em criança sonhei com viagens pelo mundo, admirando civilizações e culturas novas para mim. Em pequena, imaginei caminhar pelas cidades subterrâneas da Capadócia, um submundo cujas rochas, julgava eu, sussurrariam histórias secretas aos visitantes. Recordo-me de quando a minha mãe me contou a emoção que tinha experimentado ao visitar a Igreja de Santa Sofia, em Istambul.

Dirijo-me para um país que representa uma ponte entre civilizações. Antes de sair do México, releio Orhan Pamuk. Desta vez, não vou atrás das vozes do passado. Mergulharei nesta república secular, que desempenhou um papel muito importante enquanto conexão entre a Ásia e a Europa. As fronteiras são porosas: imagino o desafio monumental de vigilância que as autoridades enfrentam. A Turquia é limitada a nordeste pela Geórgia, a leste pela Arménia e pelo Azerbaijão, a sudeste pelo Irão, a norte pelo mar Negro, a oeste pela Grécia, o mar Egeu e a Bulgária. A sul, estão o Iraque, a Síria e, claro, o Mediterrâneo. As rotas comerciais da Antiguidade não mudaram muito, e a minha tarefa é descobrir como se transformaram as dinâmicas dos grupos contrabandistas a partir da globalização do crime organizado.

A Turquia, um país de quase 75 milhões de habitantes, assinou em 1996 um tratado de comércio livre com os seus vizinhos da Europa e confronta-se com o mesmo paradoxo que a maioria dos países que abriram as suas fronteiras: favorecer o crescimento da economia lícita e ao mesmo tempo da ilícita. Embora seja um Estado associado da União Europeia, ainda não cumpre os requisitos para a sua admissão.

É de noite quando aterro em Istambul. Perco o fôlego perante a beleza do céu estrelado com pinceladas roxas. Instalada num táxi rumo ao hotel, baixo o vidro, chegam-me os cheiros da cidade: gasóleo, especiarias e o hálito salgado do mar. Cada cidade tem um aroma que a distingue.

O taxista, orgulhoso da sua pátria, decide fazer-me uma visita guiada. Explica-me que nos encontramos na separação entre a Anatólia e a Trácia, formada pelo mar de Mármara, o Bósforo e os Dardanelos: os estreitos da Turquia que definem a fronteira entre a Ásia e a Europa. «Estamos quase a ser reconhecidos como parte da União Europeia», comenta ele em tom simpático, num inglês turístico que combina sotaques variados. «Aqui, é tudo boa gente», garante-me. «Muçulmanos, judeus, cristãos, agnósticos,

protestantes, convivemos todos juntos. Aqui, toda a gente é respeitada e bem-vinda.» Fala como se recitasse um credo. Sorrio e penso nos relatórios da PEN International (organização de defesa da liberdade de expressão) sobre a perseguição e a detenção de escritoras e jornalistas turcos. Mas guardo silêncio, sei que o mundo não é a preto e branco e que todos os países, como as pessoas que os habitam, são simultaneamente diversos, complexos e magníficos.

A amabilidade das gentes, o seu sorriso, a beleza dos olhos do jovem carregador que me recebe no hotel e a voz doce de uma rececionista que fala um inglês perfeito fazem que me sinta bem-vinda. Recordam-me que só podemos ver a escuridão quando conhecemos a luz, que a bondade está também em todo o lado. Imagino que algumas das 200 mil mulheres e meninas que foram traficadas nos últimos cinco anos para este país-ponte terão encontrado pelo caminho a bondade de alguém que as terá visto como humanas, que lhes terá sorrido e feito sentirem-se menos sós num mundo desconhecido.

Entro em contacto com Eugene Schoulgin, um extraordinário escritor, romancista e jornalista de origem russo-norueguesa nascido em 1941. Eugene viveu no Afeganistão e no Iraque e reside agora em Istambul, onde é diretor da PEN International. Ajuda-me a programar alguns encontros com analistas políticos e fontes diretas. Este amigo do peito toma afetuosamente conta de mim, e eu mantenho-o a par das pessoas e sítios que visitarei, para que saiba como e onde procurar-me se alguma coisa acontecer. Sem os seus conselhos de segurança, a minha viagem não teria sido tão bem-sucedida na obtenção de informação.

O informador

Cai a tarde de fevereiro no bairro Maslak, por alguns chamado a «Manhattan de Istambul». Os arranha-céus da moderna zona

financeira da cidade turca apresentam a mescla cosmopolita desta joia geográfica, metade europeia e metade asiática. O ar frio convida as pessoas a refugiarem-se nos bares e cafés, que cheiram a tabaco negro, café forte e, em alguns casos, a borrego recém-cozinhado. Mulheres jovens vestidas à moda italiana ou francesa, esguias, de minissaia, *collants* e botas de cano alto, entram nos bares como donas do mundo. Outras caminham ensimesmadas, de cabeça coberta com finos lenços de seda e vestidos recatados. Os jovens, perfumados e esmerados na roupa, brilham nos seus fatos *Hugo Boss* – uns originais, outros de imitação –, saúdam-se com um abraço e um choque das faces que imita o duplo beijo masculino com que se cumprimentam os seus avós. Uma música *pop* turca invade o ar, e o timbre da voz feminina assemelha-se ao de Britney Spears.

Encontro-me ao balcão de um bar a beber uma cerveja local enquanto espero pelo meu contacto. Passado pouco tempo, um homem alto, atraente, de tez moreno-clara, cabelo rapado, sobrelhas fartas e blusão de couro cor de café, detém-se a meu lado. Tirando o cachecol de lã sem me olhar e ainda com o nariz vermelho do ar gelado, diz o meu nome e pede uma bebida.

Mira-me de esguelha e, num francês titubeante, balbucia que ali não podemos falar: «Em hotel cinco estrelas, vemo-nos amanhã em hotel cinco estrelas.» Tiro do bolso um cartão do meu hotel e entrego-lho. Ele confere-o e observa-me, dirigindo de novo o olhar para o cartão. «Esse é o bairro Taya Hatun», diz. «Sim, é um hotel pequeno, só turistas», insisto. «Nove da manhã, só você, madame.» Paga o copo sem o ter levado aos lábios, sai do bar e sobe para um elétrico olhando para um lado e para o outro.

Mahmut é polícia, e um dos bons, segundo me disse um colega correspondente estrangeiro. Foi treinado pela equipa da Organização Internacional para as Migrações (OIM) para fazer parte do grupo especial contra o tráfico de pessoas na Turquia. O Departamento de Estado norte-americano investiu aqui 7 milhões de dólares para lutar contra o tráfico, e a cooperação

norueguesa outro tanto. Mahmut é um turco laico, um tipo estranhamente culto para pertencer à polícia deste país, herdeiro do Império Otomano. Ele crê que a luta contra a exploração sexual de mulheres na Turquia e na Rota da Seda, outrora atravessada por Marco Polo, é uma grande farsa. Por isso, após meses de negociações com contactos, decidiu falar comigo.

Espero-o no pequeno hotel boutique enquanto bebo um delicioso café turco perfumado. Um grupo de turistas espanholas conversa alegremente no restaurante. O seu guia turístico chegou e perguntam-me se os acompanho. «Não», respondo-lhes, sorrindo. Uma sevilhana adverte-me de que me arrependerei de não ir naquele *tour*. «É o mais certo», digo. Despeço-me com amabilidade e penso que estas turistas vão passar pela avenida paralela à rua dos bordéis turcos sem saberem que ali, por trás das janelas veladas, se escondem escravas de outros países.

Sento-me no bar. É um lugar elegante com ar palaciano, quase de romance. Está mobilado com sofás cor de mel e confortáveis almofadas de veludo e algodão bordadas com diferentes estilos. O local é luminoso e escuta-se música suave; nada parece indicar que ali se possa ter uma conversa sobre a compra e venda de seres humanos. O polícia entra e o jovem da receção mal olha para ele, cumprimentando-o afavelmente.

A solenidade com que se aproxima de mim mantém-nos ambos tensos. Convido-o a sentar-se, ele olha à sua volta e, em voz muito baixa, diz-me: «Se souberem que fui eu quem lhe deu a informação, hei de apodrecer na prisão, isto se não me matarem antes por ter violado o artigo 301 e por traição à pátria e ao código policial. Os meios de comunicação social são nossos inimigos; segundo o Estado, nunca devemos confiar neles.» Sei-o bem, já que o código penal deste país levou mais de mil escritores e jornalistas a tribunal por ousarem dar a sua opinião sobre o Estado turco. O caso da perseguição judicial na Turquia contra a liberdade de expressão de Orhan Pamuk é talvez o mais conhecido no Ocidente.

As autoridades garantem que mudaram a lei por exigência da União Europeia, mas os juízes continuam a instruir casos similares. Pamuk pôs a nu o massacre de um milhão de arménios e de 30 mil curdos na Turquia, um caso ocorrido em 1915. As suas declarações, segundo o governo, insultaram a identidade turca e mereciam três anos de prisão.

Pedimos um bule grande de um refinado chá perfumado com cardamomo. Sorrimos educadamente. De imediato, ele indica em silêncio as câmaras no teto do bar. Digo-lhe que podemos subir ao meu quarto, e ele aceita. É cauteloso. O quarto é pequeno, mas tem um sofá e uma cadeira; ofereço-lhe o primeiro.

Pouco a pouco, vai-se descontraindo, e então pergunta-me o que sei sobre a corrupção turca e o tráfico de mulheres. Enquanto falo, ele pondera cada palavra minha. De seguida, pede licença para tirar o blusão; consinto com um aceno de cabeça ao mesmo tempo que me sinto congelar perante a visão de uma arma no seu coldre de polícia. Perco o fio às ideias por uns segundos. Com a esferográfica na mão e o caderno sobre as pernas, lembro-me de que estou na Turquia, num quarto de hotel com um homem armado, e só eu e ele o sabemos. Apercebendo-se da minha ansiedade, começa a falar da esposa e das mulheres admiráveis que conheceu na OIM. Com um suspiro, firmamos um acordo tácito de confiança, esse pacto sem o qual nós, os repórteres, não poderíamos sobreviver.

Os especialistas revelam que, apesar de se dar a conhecer cada vez mais casos de tráfico de mulheres no mundo, o decréscimo notório registado pela polícia turca em relação a mulheres traficadas para a Turquia vindas da Rússia, Moldávia, Geórgia e Quirguistão é surpreendente. Como é possível que, num par de anos, a polícia turca garanta que baixou em mais de 50 por cento os índices do tráfico de mulheres? Porque não existem estatísticas do tráfico interno?

Com o indicador e o polegar, Mahmut pega no pequeno copo de cristal transparente cheio de chá e dá dois goles. Enquanto

observa os sapatos, explica-me que a nova estratégia do governo turco para conseguir entrar na União Europeia consiste em assinar todos os tratados internacionais e aceitar as conversações sobre direitos humanos. Ao mesmo tempo, fortaleceu o exército e as forças policiais especializadas em segurança nacional. Porém, Mahmut adverte:

Eles [os chefes da polícia e o exército] veem a prostituição como um negócio, e eles próprios são clientes. Consideram que são os norte-americanos e alguns europeus nórdicos que lhe chamam «escravatura sexual», mas que é um problema dos outros, não nosso. É tudo uma questão de perspetiva, madame. Por exemplo, uma grande quantidade de noruegueses e suecos vem à Turquia pelo turismo sexual. No país deles não o fazem, mas aqui sim, porque é legal e ninguém os reconhece.

Esta observação acerta em cheio no debate mundial lançado pelos abolicionistas. Na medida em que a prostituição for avaliada ou regularizada pelos governos, qualquer política pública no sentido de estabelecer uma divisão entre vítimas e «profissionais» revelar-se-á infrutífera. Mahmut é perentório:

Hoje mais do que nunca, as máfias albanesas e russas cooperam com as máfias locais para o transporte de mulheres que acabam no negócio da prostituição. Sempre foi assim. A diferença é que, agora que os países que se dizem civilizados decidiram combater este crime, ele converteu-se num negócio melhor para todos: os traficantes, os que fazem pornografia e os que simplesmente vendem um sonho falso às mulheres. A chegada dos comerciantes da guerra ao Iraque e Afeganistão melhorou o negócio do tráfico de drogas, armas e mulheres. Ninguém fala disso. Vai ver que em poucos anos os meios de comunicação

hãõ de ficar surpreendidos com a quantidade de dinheiro ganho pelos terroristas e mercenários norte-americanos com a venda de mulheres da região. As *yakuzas* compram anfetaminas processadas no Irã e levam-nas para o Japão, Itália e Estados Unidos; também compram meninas no mundo inteiro.

Enquanto escrevo estas linhas, detenho-me a observar as fotografias e a ouvir as gravações que fiz um mês depois de estar na Turquia. As entrevistas a uma norte-americana e a uma colombiana vendidas às *yakuzas* em Tóquio e Osaka, assim como a história de uma menina mexicana assassinada por um desses grupos, recordam-me que a informação está aí para quem a quiser ver. O problema é aquilo a que os governos optam por dar ou não atenção depois de conhecerem estas histórias da globalização da escravatura.

Decido contar a Mahmut os pormenores de uma reunião que tive com o Dr. Muhtar Cokar, fundador e diretor da Human Resource Development Foundation, uma organização que mantém um refúgio para mulheres vítimas do tráfico e cujos escritórios se situam no centro de Istambul, onde o entrevistei. Cokar, um homem sereno mas incapaz de me olhar nos olhos, afirmou que muitas das mulheres jovens da Moldávia, da Rússia e de outros territórios vizinhos são primeiro forçadas à prostituição nos seus países, para depois virem para a Turquia com a promessa de um trabalho melhor e muito dinheiro. Porém, ao chegarem, encontram-se sós, sem trabalho e confrontadas com o pressuposto local de que os homens turcos são loucos por mulheres louras ou ruivas, de pele de alabastro e pernas compridas, as mulheres da Europa de Leste, como se os turcos não fossem também europeus. Não há muitas prostitutas turcas; segundo a versão oficial do Dr. Cokar, trata-se de um povo com uma moral bastante sólida, e nas famílias que professam alguma religião é impossível admitir que uma rapariga seja prostituta. A lei atual, que data da década de 1930, proíbe que as prostitutas se casem e tenham filhos.

As estrangeiras são perfeitas para serem as prostitutas dos turcos, e dos estrangeiros também. Segundo as mulheres resgatadas, cerca de 40 por cento dos turistas sexuais provêm da Rússia. Segundo este médico, muitas das prostitutas operam de maneira independente, juntam dinheiro e, quando a polícia começa a incomodá-las ou a roubá-las, acabam num lugar qualquer de onde são extraditadas, ou, para usar a expressão politicamente correta, repatriadas, passando um período de duas semanas num refúgio de Istambul (embora algumas cheguem a permanecer até seis meses). Posteriormente, voltam ao seu país, para a família e os filhos, para a pobreza e a fome. Depois tentam regressar à Turquia pagando 15 dólares por um visto na fronteira, e daí é provável que se dirijam para a Grécia ou Itália, de onde as máfias albanesas as levam para Inglaterra ou França. As viagens não são gratuitas e muitas delas são capazes de qualquer coisa para enviar dinheiro para casa, garantiu o médico.

Surpreendeu-me a sua convicção clara e serena; a maneira como se expressava sobre as *natashas* inquietava-me, diria que era quase depreciativa. Quando notou a estranheza no meu olhar, fez uma observação curiosa: «Olhe, Lydia, os estrangeiros às vezes não entendem os costumes e julgam sem pensar...» Levantou-se e acendeu um cigarro, expelindo com força o fumo pela janela; estava a uns cinco metros da mesa em que me encontrava. «Por exemplo», continuou, «agora discute-se muito se as mulheres devem usar véu na Turquia; vocês podem dizer que é machismo [nunca me pronunciei a esse respeito], mas na realidade é bom, porque assim as mulheres ortodoxas podem sair de casa. É uma medida feminista», garantiu, «são costumes que, quando não são compreendidos, podem ser mal julgados.» Atirou o cigarro pela janela. «Há três mil trabalhadoras do sexo registadas na Turquia. No bordel governamental dividido em três edifícios, há 131 trabalhadoras do sexo maiores de idade. Há estrangeiras escondidas em casas privadas que funcionam

como bordéis ilegais»; o médico relatou como funciona o turismo sexual, com as mesmas regras em todo o mundo: hotéis de cinco estrelas, onde clientes endinheirados arranjam *call girls* de luxo; as regiões turísticas e militares atraem e fomentam sempre a prostituição. Embora sem corroborar esses números, mencionou que, segundo algumas fontes fidedignas, há na Turquia quase 100 mil prostitutas ilegais. O refúgio de Cokar, aberto em 2005, atendeu cerca de 400 mulheres vítimas do tráfico num período de quatro anos. Não encontraram em caso nenhum evidências de «violência física severa», segundo o médico, mas sim de violência psicológica e sexual. Os traficantes injetam antibióticos uma vez por mês nas prostitutas para proteger os clientes que, em geral, recusam usar preservativo. Assegura que este costume gera um problema de saúde terrível para elas, pois torna-as resistentes aos medicamentos mais potentes. «Cinquenta por cento das mulheres emigrantes que entram na Turquia terminam em redes de prostituição», garante um relatório do especialista. Por sua vez, a OIM revela que foram resgatadas em cinco regiões do país adolescentes traficadas como escravas sexuais, vindas da China, das Filipinas e do Sri Lanka.

Há notoriamente uma moral dupla. A prostituição de travestis e transsexuais é famosa na Turquia e atrai o seu próprio turismo, mas para o Estado esses são «pecadores». A manifestação da homossexualidade é proibida em sítios públicos e, no entanto, em casas ilegais de prostituição especializadas em turismo sexual, há dois mil travestis que oferecem serviços perfeitamente organizados e até aceitam cartões de crédito.

Questionei-o sobre a legalização da prostituição, ao que me respondeu que não acreditava que a abolição fosse uma opção para a Turquia. «A nossa organização considera a prostituição uma forma de violência sexual contra as mulheres, mas nestas condições torna-se uma questão de sobrevivência. Apoiamos-las como seres humanos, mas não apoiamos o negócio da prostituição.»

Além disso, Cokar considerava que o tráfico aumentaria com a proibição. Manteve-se em silêncio quando lhe perguntei se achava que a propriedade e a compra e venda de mulheres eram culturalmente aceites. Como resposta, entregou-me as brochuras da sua instituição e falou sobre o projeto de prevenção da sida.

O Dr. Cokar insistiu no facto de as mulheres viajarem por vontade própria, mas Mahmut pensa o contrário. Diz que se contam pelos dedos as que procuram prostituir-se. A maioria quer um trabalho digno na hotelaria ou como empregadas domésticas. Afirma que, na realidade, quase nenhuma estrangeira exerce de forma independente na Turquia, a não ser que se tenha tornado amante de algum homem casado que a sustente, e há muitos. Fontes locais garantem que na Turquia, tal como na maioria dos países muçulmanos, a dupla moral para a sexualidade favorece a prostituição e a infidelidade.

O último relatório do The Protection Project, ligado à Universidade Johns Hopkins, revela que na Turquia estão plenamente identificados 200 grupos de traficantes de mulheres e meninas. De acordo com dados da OIM, desde 1999 até à data, 250 mil pessoas foram traficadas para diversos fins através da Turquia. A maioria são mulheres originárias do Azerbaijão, Geórgia, Arménia, Rússia, Ucrânia, Montenegro, Usbequistão e Moldávia. Note-se que a OIM é a organização com maior êxito no resgate e deteção de vítimas. Em comparação, as autoridades turcas reconhecem oficialmente que, entre 2003 e 2008, foram identificadas como vítimas de tráfico apenas 994 pessoas.

Segundo 12 organizações civis turcas, foram registados imensos casos de meninas roubadas de orfanatos romenos e vendidas na Turquia. Com a promessa de que uma empresa as enviará dali para a Alemanha ou o Reino Unido, a grande maioria é enganada para viajar com contratos falsos de empregadas de hotelaria, amas, secretárias, modelos, bailarinas ou trabalhadoras domésticas.

Assim, centenas de jovens são levadas de *ferry* pelo mar Negro até Trebizonda, ou do porto albanês de Vlorë até San Foca, na Itália. Aí, o sacerdote Cesare Lodeserto, um abolicionista irreduzível, resgatou e deu refúgio a milhares de vítimas das máfias de traficantes da região.

Mahmut garante que o governo do seu país envida efetivamente esforços para evitar o tráfico. Por exemplo, a polícia turca levou a cabo vários projetos, juntamente com os governos da Moldávia e da Ucrânia, que consistem em produzir filmes educativos para advertir as mulheres e jovens desses países sobre as estratégias enganadoras dos traficantes. Por outro lado, sustenta a minha fonte, o problema é que o governo turco também legalizou a prostituição e é o próprio Estado que gere os bordéis. O polícia conhece bem os números e recorda que 79 por cento das vítimas do tráfico em todo o mundo são vendidas e compradas para exploração sexual comercial. Mahmut explica-me, gesticulando apaixonadamente:

Na sua maioria, os clientes são turcos, enquanto os traficantes são locais e estrangeiros. O negócio da prostituição rende muito, muito dinheiro, madame. Milhares de turistas vêm à costa e a Istambul procurar prazer. Claro que também fazem os *tours* das belezas históricas do nosso país, que são muitas. Infelizmente, há quem explore meninas. Encontrámos raparigas de 16 anos trazidas para cá aos 14; estavam em bordéis com documentos falsos, e o governo fechou os olhos. Quando os traficantes se cansam das raparigas, simplesmente chamam a polícia e entregam-nas. Ou então, quando há rusgas, é curioso que não se encontrem os exploradores para serem presos. A maioria das jovens tem documentos autênticos, mas que são ilegais.

O polícia refere-se ao que descobri no mundo inteiro: funcionários públicos dos ministérios dos Negócios Estrangeiros, assim como cônsules e até embaixadores, prestam-se a emitir passaportes autênticos a partir de documentação falsa.

O meu entrevistado evoca a tarefa complexa de detetar uma escrava sexual quando os papéis são legais: se os agentes da imigração se baseassem em aparências ou simples suspeitas, as fronteiras tornar-se-iam um caos, e as crises diplomáticas entre países seriam irremediáveis. «Por isso», garante Mahmut, «face à possibilidade de se enganarem, muitos deixam passar as suspeitas. Além disso, há raças cujas mulheres parecem mais jovens, como as mongóis ou as cambojanas. Vi mulheres das Filipinas que aparentavam ser jovens de 16 anos e tinham 25. É simplesmente difícil saber ao certo», reflete o perito em voz alta.

De acordo com a ECPAT¹, 16 por cento das vítimas de tráfico resgatadas na Turquia são menores e vendidas para exploração sexual comercial. O polícia confirma os números que lhe apresento. Reitera que, neste sentido, o sexo é entendido como uma indústria e não uma atividade criminosa. Também concorda com os relatórios da Save the Children, que asseguram que muitos pedófilos procuram asilo nos sítios onde a prostituição com adultas está legalizada, convertendo-se numa clientela fiel que fomenta o mercado da exploração sexual infantil.

Apesar da grande propaganda feita pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros turco, os seus próprios números não mentem: enquanto em 2006 se registaram 422 detenções, em 2007 foram 308 e, em finais de 2008, apenas 255 homens foram presos, na sua maioria clientes e em alguns casos vítimas consideradas pelas autoridades cúmplices do tráfico. Tudo parece indicar que o governo turco, como muitos outros, criminalizou a exploração

¹ Acrónimo em inglês da organização Eliminemos a Prostituição Infantil, a Pornografia Infantil e o Tráfico de Crianças para Fins Sexuais.

sexual apenas parcialmente para aplacar as exigências dos líderes abolicionistas, como os Estados Unidos e a Suécia, ainda que uma investigação um pouco mais aprofundada revele que os bordéis ilegais funcionam e florescem com o consentimento do Estado. Entretanto, as autoridades concedem cada vez menos autorizações para exercer a prostituição legal, no sentido de levar a comunidade internacional a crer que está a reforçar a lei.

Segundo alguns relatórios da CIA, o mesmo acontece com a questão das drogas. Os relatórios da agência norte-americana asseguram que a Turquia continua a ser o eixo central da rota da heroína para a Europa e a Ásia: 41 por cento da heroína mundial, produzida no Afeganistão e no Paquistão, é levada para a Europa através da Turquia. As vias aéreas, estradas e aeroportos veem passar toneladas de morfina afegã, convertida em heroína nos laboratórios do Quirguistão ou de Istambul. O cultivo legal de ópio favorece o laxismo dos controlos policiais.

A OIM conseguiu convencer o governo turco a criar uma linha telefónica para denúncias (o número gratuito 157). Inaugurada a 23 de maio de 2005, resgatou 209 vítimas entre maio de 2009 e junho de 2011. As operações de salvamento e socorro às vítimas estão a cargo de duas organizações cívicas sem fins lucrativos e da própria OIM. No entanto, os números não são tão otimistas quando falo com algumas jovens da Moldávia e da Croácia, que me garantem que o repatriamento é uma farsa, não passando de uma vulgar deportação de mulheres escolhidas por já estarem há demasiado tempo no negócio. As mais novas são as que podem ser controladas, as que não falam... ainda.

O turismo produz 21 mil milhões de dólares anualmente na Turquia, e uma das principais ofertas para os europeus é o sexo. Neste país, é possível identificar claramente o aumento do turismo sexual masculino e feminino. Diferentemente das mulheres, a maioria dos homens prostitutos não tem agentes, limitando-se a pagar uma taxa de proteção policial. Já com os rapazes menores,

utilizados sobretudo para turismo sexual com pedófilos, as regras de escravatura, secretismo e ameaças operam do mesmo modo que com as meninas e raparigas.

As filhas de Matild

Matild Manukyan, de origem arménia, nasceu na Turquia em 1914 no seio de uma família aristocrata. Foi educada na melhor escola de freiras francesa, casou-se e ficou viúva. Herdou um belo edifício no bairro «vermelho» de Karaköy. Com o tempo, converteu-se na rainha dos bordéis, controlando um total de 32 prostíbulos e 14 prédios, onde operavam redes de prostituição legal. Por várias vezes, foi assinalada por explorar sexualmente meninas menores. Porém, as suas relações com o Estado mantiveram-na protegida toda a vida. Chegou inclusivamente a ser reconhecida pelo governo turco — com diplomas e tudo — como a cidadã que mais impostos pagara num período de cinco anos (1990–1995). Todos os seus rendimentos tiveram origem no comércio sexual. Em 1975, sofreu um atentado à bomba no seu automóvel. Fizeram-lhe 12 cirurgias reconstrutivas e conseguiu sobreviver. Matild tinha granjeado muitos inimigos entre as novas máfias de traficantes. A partir de 1990, as máfias transnacionais vieram perturbar o ambiente da prostituição turca, e ela, habituada a ser a rainha, recusou-se a pagar as taxas de proteção dos criminosos em conluio com a polícia.

Em 1996, foi finalmente possível demonstrar publicamente a exploração de menores nos seus bordéis e a alta sociedade que a visitava deixou de o fazer. Quando foi descoberta como traficante, Matild anunciou que se tinha convertido ao islão e que, segundo o profeta Maomé, aquelas que se declaram muçulmanas são libertadas dos seus pecados. Mais tarde, apoiada pelo governo, num ato que muitos julgaram indigno, utilizou o dinheiro obtido

com o tráfico e a exploração de raparigas na construção de uma bela mesquita. Embora, segundo dizem, tenha sido perdoada por Alá, boa parte da sociedade turca continua a referir-se a ela como «traficante de mulheres e meninas». Sabe-se que as relações de Matild com a polícia turca foram próximas até 2001, ano em que morreu e foi absolvida graças à sua conversão religiosa.

Em Londres, consegui entrevistar Ulla, uma mulher síria de 39 anos que foi roubada e depois vendida em Istambul a um homem que a levou até Matild. Ulla trabalhou em dois bordéis dos 16 até aos 20 anos. Agora, é casada e trabalha numa bomba de gasolina, oculta o seu passado a quase todos os seus amigos e faz voluntariado como tradutora numa organização cívica londrina que defende os direitos das mulheres. Eis um fragmento do seu testemunho:

Naquele tempo, acreditávamos que o tráfico era bom. Ouvíamos dizer que outras jovens eram levadas para lugares terríveis, como autênticas escravas. As histórias aterrorizavam-nos, dizia-se que os homens lá eram selvagens e pagavam tostões pelas jovens; que tinham doenças estranhas e que as mulheres não podiam tomar banho nem arranjar-se. A nós, mantinham-nos vestidas e bem arranjadas, pagavam-nos pouco e às vezes castigavam-nos. Alguns clientes eram obscenos e violentos, mas fazia parte do trabalho. Eu fui comprada por um cliente — aos 20 anos, já era considerada velha — que me trouxe para Londres. Estive cá como ilegal vários anos; além disso, era toxicodependente. Depois consegui encontrar ajuda de outras mulheres e mudei de vida. Agora, olho para trás e dou-me conta de que era uma escrava sexual, mas naquele momento não percebia isso. Quando não tens saída e estás só, o melhor é não ver a realidade, basta vivê-la e não pensar muito. E eu pensava: «Que mal tem vender o meu corpo se é a única coisa que tenho para vender?»

Não podias escapar, dado que na Turquia os bordéis são legais. Os polícias e os políticos eram os melhores clientes. Gostavam tanto da dona, que mandavam as suas enfermeiras inspecionar-nos, porque se presumia que éramos as prostitutas mais obedientes e mais sãs de toda a Turquia.

Passaram-se vários anos até Ulla admitir que uma das mulheres do prostíbulo a viciara em ópio e que, graças a esse vício, conseguiu superar o terror de estar fechada e ser prostituída e violada todos os dias por dez ou doze homens: «O ópio permitia-me voar, não sentir, não estar, não ser eu», afirma.

Outras mulheres não vivem a experiência do prostíbulo como uma grande tragédia. Sonya, originária do Montenegro, chegou à Turquia aos 24 anos e tem agora 35. Quando a levaram para a Turquia, já sabia que seria prostituta. Em três anos, pagou a sua dívida e só então pôde sair à rua sem a incomodarem. Sonya recorda:

Vivia no terror de que alguém dentro do sistema se zangasse comigo ou se fartasse de mim e que houvesse uma das rugas sistemáticas que a polícia faz quando trazem mulheres novas. Tinha terror de ser procurada e expulsa do país. Diziam-nos que a polícia tinha registos com as nossas fotografias e que, se fizéssemos alguma coisa errada, seríamos deportadas. Não queria voltar à fome, à violência, não tenho nada no meu país... já não tenho país. Ser prostituta não era o melhor, mas pelo menos dava para viver.

A história de Matild Manukyan, a grande alcoviteira turca, exemplifica perfeitamente como algumas proxenetas se tornam traficantes de escravas sexuais. Não só trabalham com o sistema e se aliam com a polícia e o governo, como se infiltram em empresas lícitas reconhecidas e valorizadas socialmente,

inclusivamente pelas elites aristocráticas e políticas. Uma vez validada no sistema de prostituição legal, Manukyan entrou no negócio do tráfico de menores. Mais tarde, investiu o dinheiro do tráfico de mulheres e meninas em bens imobiliários. Antes de morrer, era proprietária de três hotéis de cinco estrelas, mais de 120 apartamentos em diversos pontos turísticos da Turquia, uma empresa exportadora e um negócio de mais de 300 táxis de luxo. Possuía uma coleção de *Rolls-Royce*, *Mercedes-Benz* e *BMW*. Construiu um hotel na Alemanha e tinha um enorme iate de luxo em que se passeava com os seus poderosos amigos.

O caso de Matild permite-me entender melhor a complexidade da discussão, para lá do assombro moral, sobre a diferença entre prostituição e exploração sexual comercial. Em que momento uma mulher envolvida na prostituição legal opta por escravizar adolescentes e meninas? Quantas proxenetas como Matild existem no mundo que tomam neste momento decisões sobre a vida e o futuro de uma menina ou uma adolescente sob o lema de que «o que é bom para mim é bom para todas»? O que sucede quando a prostituição e o tráfico se misturam? Se a pessoa que gere as prostitutas tem poder económico e político, pouco se pode fazer para desmontar a rede de escravatura no sistema legal. A este respeito, Mahmut observa:

É muito complicado. Quando se começou a atacar o problema da heroína na Turquia, aconteceu algo parecido. Corria o ano de 1998, e para o governo turco era mais fácil manter-se calado quando as máfias turcas, albanesas e kosovares operavam no território. A Turquia tem a sorte e o azar de pertencer à Europa e à Ásia, de ser uma passagem entre os dois mundos. A rota dos Balcãs foi desde sempre complicada. Não podemos dizer que as autoridades turcas não sejam corruptas, pois há políticos e polícias que se vendem por dólares ou euros em todo o mundo.

Aqui, na Turquia, temos a OIM para que os europeus e os norte-americanos nos olhem como iguais. Ninguém fala de como mudaram os acordos das máfias. Quando interessa a certos países travar o tráfico de armas, os governos põem-se imediatamente em ação, mas é só quando está implícita uma ameaça aos seus interesses nacionais ou económicos. O tráfico de mulheres tem sido um grande negócio há pelo menos vinte anos para as máfias russas e albanesas que operam na Macedónia e negoceiam com as máfias turcas.

Embora alguns especialistas internacionais, como Moisés Naím, insistam que a crença de que as máfias mais poderosas atuam juntas por todo o mundo é uma fantasia policial, os peritos que trabalham nas ruas garantem que é um facto: a globalização das máfias é parte do mundo empresarial internacional. Dois meses depois da minha entrevista com Mahmut, compreendi a dimensão dos seus comentários ao inteirar-me da seguinte notícia: a polícia turca especializada no crime organizado tinha detido em Istambul quatro japoneses, membros de uma ramificação das *yakuzas*, que operavam na região juntamente com narcotraficantes iranianos que lhes tinham vendido metanfetaminas. Dois dos *yakuzas* foram detidos com 150 mil pastilhas desta droga e os restantes cúmplices com 200 mil em duas ocasiões diferentes. As rotas do narcotráfico do Irão para Istambul são as mesmas detetadas na venda de escravas da região. Mahmut esclarece que os traficantes que levam a droga e os que deslocam mulheres e meninas não são necessariamente os mesmos, mas os que controlam as rotas, sim. O polícia garante conhecer colegas turcos e iranianos que se indignam com o narcotráfico, mas aceitam o tráfico de mulheres e meninas, porque as consideram prostitutas por vontade própria.

Mahmut fala-me das grandes rusgas para apanhar as máfias kosovares e albanesas na Escandinávia no fim da década de 1990.

A 23 de fevereiro de 1993, o chamado «padrinho» kosovar, Princ Dobroshi, nascido em 1964, foi preso pela polícia norueguesa enquanto era procurado na Suécia e na Dinamarca por delitos similares. Foi sentenciado a 14 anos, mas fugiu da prisão de Ullersmo em 1997. Apesar de se ter submetido a diversas cirurgias plásticas, a polícia de Praga deteve-o novamente em 1998. Segundo os relatórios oficiais, Dobroshi admitiu que o tráfico de heroína para países europeus servira para comprar armas, utilizadas mais tarde na guerra do Kosovo. Parte das investigações revela, sem dar grande importância ao facto, que o tráfico de mulheres brancas e a venda de proteção a prostíbulos era um dos negócios menores deste indivíduo. A maioria dos mafiosos do cartel de Dobroshi terminou em cadeias suíças e checas.

A 10 de dezembro de 1998, o diário inglês *The Independent* revelou que as máfias albanesas controlavam 70 por cento do mercado de heroína na região. Mahmut, tal como outras fontes, refere que os herdeiros destas máfias são cada vez mais jovens e mais sofisticados, e que continuam a controlar o negócio do tráfico e da prostituição forçada na região. Atualmente, as máfias usam tecnologias mais avançadas e, tal como os governos, fazem pactos regionais e transnacionais. Outra grande diferença entre as «novas gerações» e as máfias precedentes, que encontro em vários países, é a participação ativa de mulheres nas redes de traficantes. Muitas que foram vítimas do tráfico, ao serem designadas como as preferidas de certos líderes, especializam-se no recrutamento e treino de mulheres e meninas. O mercado e os seus operadores, confirma o meu informador turco, tem a sofisticação que os novos tempos requerem.

As altas esferas do poder parecem não aprender a lição. Em janeiro de 2005, Princ Dobroshi, considerado um terrorista e um dos gângsteres mais cruéis da região, foi posto em liberdade sob caução pelas autoridades norueguesas, às quais tinha sido entregue pelos checos. A razão da sua libertação, segundo um relatório da OTAN, foi «por bom comportamento».

*

Mahmut olha para o relógio. Falar em francês e procurar as palavras certas para expressar as suas preocupações sobre as operações das máfias deixa-o esgotado. Um dicionário turco-francês torna-se nosso aliado.

O homem que tenho à minha frente já bebeu cinco copos de chá preto. Olha pela janela e mantém-se em silêncio de cada vez que se ouvem vozes no corredor do hotel. De súbito, pega no telemóvel e mostra-me o vídeo de uma bonita menina de 3 anos a dançar com música de fundo. Fala como que para si mesmo: «As pessoas da OIM perguntaram-nos durante a formação: “Que fariam se uma destas mulheres vendidas para serem exploradas sexualmente fosse a vossa filha?” É por isso que estou aqui», conclui, guardando o telemóvel e pigarreando.

Um pouco arrependido do que poderia ser visto como sinal de fraqueza num homem como ele, afirma que o pai o educou a pôr os princípios morais à frente de qualquer outra coisa. Os seus antepassados franceses legaram-lhe o desejo de optar por esse idioma num momento da sua vida em que pôde estudar um pouco mais do que a média dos polícias turcos. A esposa, como mais de metade das mulheres turcas, é analfabeta funcional. Mahmut quer que a sua filha se sinta segura.

No que me parece uma insólita confissão, admite que já foi «carnalmente tentado pelas *natashas*», mas não tem por costume frequentar bordéis.

«Você disse-me que estive na Inglaterra», murmura, baixando a cabeça e com as pupilas flutuando sob as pestanas negras. «O que é que lhe disseram sobre a chegada de mulheres vindas da Turquia e dos famosos proxenetas albano-turcos? Já viu como chegam a Itália? Como sabe, temos fronteiras marítimas [refere-se aos 8000 quilómetros de costa da península da Anatólia]. Vá lá e procure saber o que está dentro dos contentores dos cargueiros.»

A Turquia é uma área geopoliticamente estratégica. As estreitas ligações com o Cáucaso, a Ásia Central e os Balcãs, assim como uma grande abertura económica, vincularam-na com tratados de comércio, desde o Japão à Coreia do Sul. A crescente participação na indústria automóvel, na siderúrgica, na de materiais de construção e de eletrodomésticos é importante, mas os especialistas asseveram que o ponto fulcral está no crescente mercado de materiais militares. Não é nenhum segredo que a Turquia conta com a segunda força militar mais poderosa da OTAN, logo a seguir aos Estados Unidos. Esta nação tem 1 043 550 soldados prontos para a guerra, além de possuir 90 bombas nucleares B-61 na base aérea de Incirlik.

As vítimas do tráfico com quem falei garantem que os soldados são os melhores clientes dos milhares de prostíbulos legais e ilegais na Turquia. A participação na produção, venda e revenda de artefactos nucleares e militares também a tornou um país ideal para as máfias que traficam armas.

«O que é que seria mais fácil para mim, comprar uma menina asiática ou uma AK-47?», pergunto a Mahmut. Fita-me sorridente e responde: «Uma 47 é velha, pode comprá-la amanhã por uns 250 dólares, mas para uma mulher», diz quase a brincar, embora eu não esteja certa disso, «é melhor uma AKM [uma versão muito mais leve], e essa consegue-a por 400 dólares. Custar-lhe-ia mais ou menos o mesmo comprar uma arma ou uma mulher “nova” para a explorar. A droga não lhe convém... Dos três produtos, é o único que não se pode usar e revender.» O tom do polícia põe-me nervosa, mas registo as suas palavras tal como mas atira. Ele dá-se conta de que já disse o que tinha a dizer e conclui com alguns dados sobre o comércio lícito e ilícito e a dificuldade na sua diferenciação.

«Será o mesmo com as mulheres?», pergunto-lhe. «O negócio da escravatura precisa da existência da prostituição lícita para que seja mais complexo distinguir qual é qual?» «Exatamente, minha

senhora», assegura ele. «Por isso é que há tantos interessados em fomentar a regulação da prostituição.»

Com a sua economia próspera, a Turquia está entre os quatro países que mais barcos, iates e megaiates constroem e vendem no mundo. Só em 2008, importou bens e serviços num total de 141 800 milhões de dólares, enquanto nesse mesmo ano saíram pelas suas fronteiras 204 800 milhões de dólares em produtos.

«Verifique os voos *charter* e o olhar cego das autoridades nos aeroportos; mas vá com cuidado», diz Mahmut ao despedir-se, pondo a mão sobre o coração e fazendo uma ligeira vénia. «Não se preocupe», respondo-lhe, baixando suavemente a cabeça, «venho do México. As coisas lá não são assim tão diferentes para os jornalistas». Apesar de não ser religioso, compelido pelo hábito, Mahmut despede-se fazendo votos de que Alá me proteja.

«És puta e drogada. Achas que a polícia vai acreditar em ti ou em mim, um empresário de sucesso?»

Há um negócio que sempre prospera, ilegal, imune à austeridade. Da Turquia ao Japão, da Palestina ao Camboja, do Reino Unido ao México, o tráfico humano atravessa o mundo inteiro, invisível aos cidadãos e ignorado por políticos que fingem não ver — ou que dele também dependem.

Estima-se que cerca de 80 por cento das vítimas do tráfico são entregues à prostituição. Num trabalho de investigação excepcional que se prolongou por vários anos, Lydia Cacho desmascara os criminosos e acompanha o rasto das vidas por eles destroçadas.

Em *Escravas do Poder*, falam na primeira pessoa traficantes de droga e de armas, mafiosos e proxenetas, além das próprias cativas que conseguiram escapar ao carrossel do tráfico.

Relato desassombrado das ligações tentaculares do tráfico sexual a um sem-número de indústrias — o turismo, a pornografia, o contrabando, a venda de órgãos e o terrorismo —, tudo depende desta rede global e sem lei, e todos pagamos sem saber o preço destas vidas.

«Lydia Cacho tem medo? A pergunta pode ser óbvia, mas a resposta não.»

The Guardian

«Um corajoso trabalho de investigação.»

The Washington Post

